



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

LHAIS CABRAL MARTINS

**O IMPERATIVO DO GOZO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SEUS
EFEITOS NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESAFIOS VIRTUAIS**

CAMPINA GRANDE – PB

2021

LHAIS CABRAL MARTINS

O IMPERATIVO DO GOZO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SEUS EFEITOS NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESAFIOS VIRTUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

Área de concentração: Psicanálise.

Orientador: Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior

**CAMPINA GRANDE – PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M386i Martins, Lhais Cabral.

O imperativo do gozo na sociedade contemporânea e seus efeitos na adolescência [manuscrito] : uma análise sobre os desafios virtuais / Lhais Cabral Martins. - 2021.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior, Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Gozo. 2. Adolescência. 3. Desafios virtuais. 4. Psicanálise. I. Título

21. ed. CDD 150.195

LHAIS CABRAL MARTINS

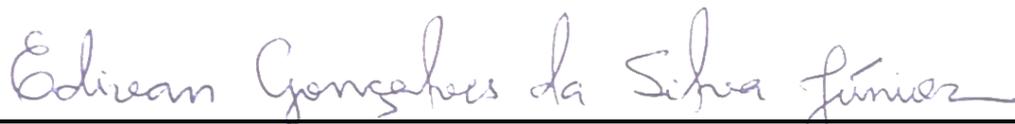
O IMPERATIVO DO GOZO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SEUS EFEITOS NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESAFIOS VIRTUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

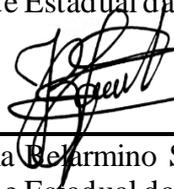
Área de concentração: Psicanálise.

Aprovado em: **24/05/2021**.

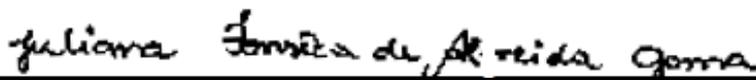
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Juliana Fonsêca de Almeida Gama (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família, DEDICO

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 06 |
| 2. A ADOLESCÊNCIA PELA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA LACANIANA | 08 |
| 2.1. Considerações sobre o Gozo | 10 |
| 2.2. Imperativo de Gozo contemporâneo | 13 |
| 2.3. A construção de identidades diante do declínio da função paterna | 17 |
| 2.4. Os desafios virtuais como demonstração da clínica do ato com adolescentes | 18 |
| 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 24 |
| REFERÊNCIAS..... | 26 |

O IMPERATIVO DO GOZO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SEUS EFEITOS NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESAFIOS VIRTUAIS

IMPERATIVE JOUISSANCE IN THE CONTEMPORARY SOCIETY AND ITS EFFECTS IN THE ADOLESCENCE: AN ANALYSIS OVER VIRTUAL CHALLENGES

Lhais Cabral Martins¹

RESUMO

A presente pesquisa buscou analisar as especificidades da clínica com os adolescentes, considerando especialmente a participação destes em desafios virtuais. Para tanto, partiu-se de uma leitura com base na psicanálise de orientação lacaniana, que compreende o contexto social desses sujeitos por se encontrarem diante de um imperativo de gozo da sociedade contemporânea. Como possível efeito, evidencia-se o discurso capitalista que propõe a mercadorização do objeto *a* por substituir o desejo pelo mais-de-gozar. Para verificar o que os desafios virtuais denunciavam sobre os sujeitos envolvidos, foi necessário reconhecer as particularidades da adolescência como efeito do real da puberdade; o imperativo mortífero do gozo contemporâneo como consequência do declínio do nome-do-pai; e a inconsistência do Outro. Utilizou-se enquanto metodologia a revisão bibliográfica de conceitos lacanianos para falar das demonstrações de *acting out* e passagem ao ato, com ênfase nas tentativas de suicídio e nos cumprimentos dos desafios, que parecem buscar o olhar do outro, como suplência, a dar consistência a esse Outro que barre seu gozo. Além disso, foram realizadas interconexões com os conceitos de pulsão, *das ding*, gozo e os quatro discursos. Desse modo, constata-se o lugar que a psicanálise dispõe por meio da sua leitura dos fenômenos da atualidade e os modos de conceber o sujeito, ao dizer da necessidade dos adolescentes em construir, singularmente, respostas sintomáticas que estejam de maior acordo com seu desejo, um modo de gozo próprio e menos mortífero.

Palavras-chave: Gozo. Adolescência. Desafios virtuais.

ABSTRACT

The current research sought to analyze the specificities of the clinic with adolescents especially considering their participation in virtual challenges. For that, we started with a reading based on psychoanalysis of Lacanian orientation, which comprehends the social context from these subjects who find themselves up against the contemporary society's imperative of jouissance. As a possible effect, the capitalist speech is evidenced which proposes a commodification of the object *a* by replacing the wish for the surplus-jouissance. To check what the virtual challenges denounced about the involved subjects, the adolescents, it was needed to recognize the adolescence's particularities as a real effect of puberty, the deadly imperative of jouissance as a consequence of the decline of the Name of the father and the inconsistency of the Other. The bibliographic review of Lacanian concepts was used as a methodology in order to talk about the demonstrations of acting out and passing to the act, with emphasis on the suicide attempts and, in the fulfillments of the challenges that seem to seek the eye of the other, as a substitute, to give consistence to this Other to stop his jouissance. Besides, interconnections were made with the concepts of drive, *ding*, jouissance, and the four discourses. Thus, it is verified that the place that psychoanalysis disposes through its reading of the current phenomena and the ways to conceive the subject, by saying that the need for adolescents to build singularly, symptomatic responses that are more in accordance with their desire, a way of self-jouissance and less deadly.

Keywords: Jouissance. Adolescence. Virtual challenges.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba.

1. INTRODUÇÃO

Stevens (2004) qualifica a adolescência enquanto sintoma da puberdade, sintoma do efeito do encontro do Real pelas irrupções da puberdade, o encontro de algo estranho no próprio corpo, algo estranho em si. Sua leitura da adolescência foi possível por meio do conceito de Freud (1905) do despertar para as pulsões sexuais, de onde se inaugura uma compreensão em torno dos efeitos da puberdade sobre o sujeito. Desse modo a adolescência não é tomada como conceito para a psicanálise, mas é entendida como efeito da puberdade, como um tempo em que o sujeito se defronta com o despertar para a sexualidade devido às pulsões sexuais.

As implicações que a puberdade lança para o sujeito é o que o qualifica enquanto adolescente, como efeito do Real que irrompe não só no corpo, mas em questões sociais e subjetivas. A adolescência enquanto despertar para o Real, para o sexo, para as pulsões e para a escolha de objetos demonstra por si só um empuxo a uma cena conturbada que é o adolecer. Além da questão de construir um saber fazer com essa irrupção de gozo no próprio corpo, os adolescentes se encontram em outra problemática, o contexto social em que estão inseridos: a contemporaneidade.

“Adolecer na contemporaneidade”, conforme aponta Oliveira e Hanke (2017), implica em outros aspectos que podem ser ainda mais desafiadores para esses sujeitos que já se encontram em conflito. Diante de um contexto social em que se impõem modos de gozo ilimitado como efeito do declínio da função paterna, através do discurso capitalista, estão situados esses sujeitos adolescentes perante a uma realidade em que não se encontra mais um amparo simbólico para intermediar seu encontro com o Real.

A experiência de irrupção do gozo no próprio corpo, pelo advento da puberdade, está em concomitância ao discurso social capitalista que funciona como imperativo do gozo. Os adolescentes assim se encontram em um meio totalmente desmedido que prejudica suas elaborações subjetivas para fazer barrar este gozo, como na formação de seus sintomas, uma vez que o discurso capitalista sempre diz que é possível e deve-se gozar mais. Ou seja, o Outro como outro social não funciona mais como proibição ao mais-de-gozar, ele opera justamente pela lógica contrária. Lacan (1972-1973/2008), no seu seminário “Mais, ainda”, adverte sobre como essa nova relação com o gozo na sociedade contemporânea resulta em adoecimentos psíquicos.

Os adolescentes acabam assim por apontarem para seu modo de gozo na forma em como se relacionam com seus pares, por meio do exibicionismo nas redes sociais. Aloca-se aqui o importante espaço que a internet ocupa na formação de laços sociais, sobretudo entre os adolescentes, por proporcionar uma forma de se relacionar mais diretamente, por meio da lógica do imediatismo da contemporaneidade. Arelada ao contexto virtual, percebemos um fascínio midiático com sua obsessão pela imagem e olhar que diz de uma modalidade de gozo ligada à pulsão escópica (LIMA, 2013).

Nessa perspectiva é analisada a utilização dessas redes sociais, sobretudo no que tange a participação em desafios virtuais (Baleia azul, Boneca Momo, “quebra-crânio”, *Covid Parties* e *Coronavirus Challenge*), como uma via possível para esses jovens se fazerem vistos e se inserirem em grupos identificatórios que acolhem seu modo de gozo, um gozo mortificante. Os atos que envolvem o cumprimento dos desafios virtuais são apresentados como atos exibicionistas de assimilação simbólica. Pela impossibilidade de ser significantizado eles experimentam no corpo o ato, como as automutilações endereçadas ao Outro, em uma forma de significantizar o gozo que os invade e de dar consistência a esse Outro que não mais tem lugar diante do declínio do nome-do-pai (LACADÉE, 2011).

Nessa conjuntura entram na leitura psicanalítica o que seriam os “novos sintomas”, as formas do sujeito contemporâneo de construir uma resposta diante desse Real. Os novos sintomas são apresentados neste trabalho a partir dos conceitos de *acting out*, passagem ao ato,

além de outros fenômenos que envolvem o fato do sujeito se direcionar ao risco. Esses “novos sintomas” se mostram tão frequentes entre os adolescentes e em como se utilizam das redes sociais como forma de manifestar seu sofrimento psíquico.

É nesse ensejo que se leva a construir a problemática em torno do surgimento dos desafios virtuais como uma forma de exibir um gozo mortífero. Através das redes sociais os adolescentes ficam submetidos a imperativos de um gozo pela busca em atender a diversos padrões, ao passo que também utilizam do mesmo recurso virtual para exibir seu modo de gozo, através da possibilidade de um grupo que possa nomeá-lo. Os desafios virtuais, então, funcionam como modo de expressão para aqueles que querem falar de alguma forma sobre seu sofrimento psíquico. Fala que é demonstrada por meio do ato, através do cumprimento de tais desafios que envolvem o *acting out* e incidem a passagem ao ato (LACANDÉE, 2012).

Desse modo, salienta-se a importância de se abordar tal tema, por meio de uma revisão bibliográfica, como norte para compreender o que a psicanálise pode falar deste novo fenômeno que se mostra tão recorrente na clínica com adolescentes. Para tal, partiu-se da percepção da adolescência enquanto sintoma da puberdade por meio da ótica psicanalítica, que torna possível chegar à compreensão do gozo que invade o adolescente. Seguindo a apresentação de conceitos freudianos, que serviram de releitura para Lacan desenvolver o conceito de gozo. Este se apresenta enquanto algo que está para além do princípio do prazer, pelo seu caráter ambíguo da relação entre satisfação e desprazer (VALAS, 2001).

Por conseguinte, é apontado como o discurso capitalista opera para vender modos de gozo pronto, aproximando cada vez mais a relação do sujeito com o objeto, dizendo o que ele deve possuir e, assim, como gozar. Esse discurso mercadológico, que coloca a obtenção de objetos no lugar de objeto *a*, por criar uma ilusão de que ao obter tal produto o sujeito teria aquilo que lhe falta, gera efeitos que recaem sobre os sujeitos, sobretudo os adolescentes que estão construindo suas identidades. Lacan (1962-1963/2005) ressalta sobre a imersão do sujeito pelo sentimento de angústia como advento deste discurso, que propõe a obtenção do objeto *a*, objeto que deve faltar, pois a busca por ele é o que coloca o sujeito em movimento como sujeito desejante. Se o discurso capitalista, pelo imperativo do gozo, aproxima os sujeitos do objeto *a*, acaba assim por tamponar a falta, promovendo uma maior aproximação com o Real e empobrecimento do Simbólico.

O discurso capitalista é efeito do declínio do nome-do-pai, da perda de um referencial orientador que servisse a esses adolescentes na travessia da fase infantil para a adulta, sendo outro fator que corrobora para que os adolescentes, sem um modelo ideal e sem algo que barre seu gozo, fiquem desbussolados (FORBES, 2012). A falta de um Outro consistente que sirva como orientação leva esses sujeitos adolescentes a comprarem a ideia de uma construção de identidades já prontas. Sobrepõem-se, então, ideais inconsistentes da mídia que vendem a ilusão de serem sujeitos completos, ausentes de qualquer sofrimento.

Conforme Lacandée (2012) aponta, o declínio do nome-do-pai modifica as respostas sintomáticas do sujeito, que passa a apresentar uma tentativa de separação com o Outro. É pela impossibilidade de se articular com o Outro que os sujeitos passam a responder por meio do ato, se configurando assim os “novos sintomas”. A passagem ao ato demonstra uma ruptura por completo com o Outro, já no *acting out* há uma demanda endereçada ao Outro.

Os desafios virtuais entram como questão se fazem parte dessa conjuntura de sintomas que denunciam a dificuldade de se articular com o Outro, numa forma de separação e ao mesmo tempo de constituí-lo, verificando também esse modo de gozo por trás dos desafios virtuais. A construção da análise de conceitos para identificar o que a psicanálise pode falar deste fenômeno tem por finalidade contribuir para reflexões sobre este mal-estar da época e compreensão dos sujeitos envolvidos, para que possa apontar a necessidades desses em reconhecer e se direcionar ao seu desejo.

O reconhecimento de seu desejo equivale a reconhecer que existe uma falta que é fundamental a todos. A falta fura a lógica do mercado e quebra a ideia de um gozo absoluto. Por meio dessa leitura desenvolveu-se neste trabalho algumas discussões sobre como a psicanálise pode auxiliar no debate sobre os sujeitos que se encontram com esta problemática. Questiona-se, pois, se os adolescentes que participam dos desafios virtuais e demonstram comportamentos em que se lançam ao risco podem se inscrever em novos modos de gozo próprio, apontando para um sintoma menos mortífero. A partir desse pressuposto, objetivou-se analisar as especificidades da clínica com os adolescentes tendo em vista o comportamento destes em desafios virtuais por meio de uma leitura psicanalítica, considerando também o fato desses estarem inseridos em uma sociedade contemporânea que impõe modos de gozo, como resultado do declínio do nome-do-pai e da inconsistência do Outro.

2. A ADOLESCÊNCIA PELA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA LACANIANA

A adolescência é em primeiro lugar um discurso, portanto, compreende construções sociais que a caracterizam como uma fase do desenvolvimento humano a qual são atribuídas inúmeras particularidades. A exemplo pode-se apontar o discurso tomado pela ciência que situa a adolescência em uma dimensão fenomenológica, com modificações em diversos âmbitos físicos, mentais e sociais, que toma como ponto principal observável as alterações fisiológicas advindas da puberdade. Desse modo, a adolescência é um significante que vem do Outro, conforme aponta Lacadée (2012), o Outro enquanto os discursos que permeiam o meio social, que é quem fala desses sujeitos por eles ao defini-los pela sua faixa etária e assim categorizá-los. Esse significante marca o sujeito que não encontra suas individualidades representadas pelo discurso que vem do Outro.

De acordo com tal colocação, a psicanálise não se propõe a falar de “A adolescência” enquanto uma fase que será vivenciada de um mesmo modo para qualquer indivíduo. Ao passo que a ética psicanalítica reconhece o sujeito como sujeito do inconsciente, logo não há espaço para representações universalizantes, pois cada sujeito apresentará suas singularidades, suas possíveis saídas de acordo com suas questões, sejam elas quais forem. Porém Freud, ao fundar a psicanálise com o inconsciente enquanto objeto de estudo, não nega as implicações que um discurso tem sobre o sujeito, como as representações sociais e a cultura, tendo elas grande impacto e influência sobre o psiquismo.

Freud em “Três ensaios da teoria da sexualidade” (1905) fala de dois tempos da sexualidade, um presente ainda na infância, retratado na figura da criança perversa polimorfa com sua sexualidade auto erótica voltada para o próprio corpo. Neste primeiro tempo a pulsão não está dirigida para outras pessoas e com isso a criança obtém prazer em si mesma, na estimulação das zonas erógenas. O segundo tempo seria um segundo despertar para a sexualidade, manifestando um tipo de rememoração do complexo de Édipo (retorno a fase fálica), ou seja, um retorno do desejo edípico que fora recalcado.

É na puberdade que Freud (1905) localiza a adolescência como efeito desse segundo despertar. Logo a adolescência representa mais do que uma fase ou idade cronológica, mas diz de um tempo, o qual Freud o situa após o período de latência. Com a maturação dos órgãos genitais e as alterações hormonais, que sinalizam no corpo a entrada na puberdade, o indivíduo desperta também no sentido com a irrupção da pulsão sexual. As pulsões, que eram anteriormente parciais, agora se dirigem à zona genital e endereçam o indivíduo a fazer a escolha do objeto que se faz, por exemplo, na escolha de um parceiro sexual na adolescência.

A adolescência, ou a “metamorfose da puberdade”, termo que Freud (1905) utiliza ao falar sobre a irrupção da pulsão a qual provoca no sujeito adolescente um deparar-se com suas questões em torno do sexo e da autoridade. Ele, o sujeito adolescente, descobre que o saber que os pais ou a sociedade lhe passaram sobre as relações sexuais não são suficientes, cabendo a ele

descobrir por si só. Ademais, é neste tempo também que o púbere é levado a colocar em jogo os desejos dos pais ao tomar sua própria escolha objetual que deve ir para além do contexto familiar.

Não por acaso, a adolescência é dita no discurso social como o período de transição conflituosa em que se nomeiam os sujeitos desta fase de “aborrecentes”. Eles recebem um nome que indica os confrontos que esses sujeitos terão que encarar contra as regras sociais que lhe são exigidas, ao abandonar a fase infantil e suas próprias batalhas pessoais em volta de tanta mudança. A principal mudança de posição que o púbere terá que realizar, se trata da escolha de objeto que se faz na puberdade. Freud (1905) aponta ser necessária a renúncia aos objetos infantis, uma transformação da fase da infância, tendo agora que renunciar ao que se “possuía” fantasticamente e se dirigir para uma nova escolha. Disso também se tira o processo de desligamento da autoridade dos pais. O drama dos adolescentes retrata também o encontro do Real no corpo, com as transformações corpóreas da puberdade atrelada ao encontro do Real do sexo.

Isto posto, Stevens (2004), escreve sobre a adolescência como um sintoma da puberdade e que, como tal, se trata de uma tentativa de resposta do sujeito frente ao Real, Real este que o púbere se defrontará no encontro com o outro na relação sexual. O sentido de Real para a psicanálise lacaniana não é o mesmo que realidade. Diz respeito a aquilo que não pode ser simbolizado, o encontro com algo inesperado onde o saber falha, não encontrando assim em palavras algo que possa dizer desta experiência, restando então “a cada um inventar sua própria resposta” (STEVENS, 2004, p.8).

Este encontro com o Real não se vale apenas a nível de transformações corporais, o Real no corpo está para além das metamorfoses da puberdade em termo de característica biológica. Se trata de uma vivência de corpo, um encontro com algo estranho impossível de ser encontrado seu total significado em palavras, um encontro estranho em si e também um encontro estranho com o outro no Real do sexo. Ao rememorar o complexo de Édipo na puberdade é como se o sujeito também rememorasse as escolhas feitas na primeira infância e no período de latência. Neste segundo tempo do despertar o sujeito percebe que não mais pode se ancorar no Outro, campo denominado por Lacan (1960/1998) como o que configura o simbólico. O Outro representa a lei, cabendo assim nesse contexto a equiparação dos pais como Outro.

O púbere, ao ter que fazer sua escolha objetual, percebe que não mais pode se apoiar no Outro, nos pais e nem nas suas próprias fantasias infantis. Ele se depara com um novo Real, desconhecido até vivenciar a puberdade. No período de latência, o sujeito dispunha de um arranjo simbólico e imaginário para suas pulsões parciais. Na puberdade esse “saber” se mostra insuficiente, com isso as referências simbólicas e imaginárias falham e o Real sobressai. O Outro, os pais, as identificações e as fantasias fracassam, disso se diz que a adolescência é como resposta sintomática ao Real que a puberdade coloca, pois o sujeito agora está desamparado sem suas amarras infantis que vacilam frente às transformações da sexualidade.

Lacan (1974/2003) discursou sobre o despertar para a sexualidade que faz furo no Real, no qual a adolescência resultará como um sintoma do Real, imposto pela puberdade pela via da pulsão sexual. Em seu texto Prefácio a “O despertar da primavera”, Lacan utiliza da obra de Wedekind (1973), uma peça teatral dramática que conta a história de personagens adolescentes e suas descobertas, como o primeiro “encontro sexual” e as fantasias retratadas nos sonhos dos personagens. Em seus escritos, o teórico aponta que esta fantasia dos púberes em torno de como seria a primeira experiência sexual com um outro é uma forma de lidar com o que seria na verdade o desencontro sexual. Isto porque a relação sexual só será possível por meio da fantasia de cada sujeito, possibilitando imaginariamente a ideia de um todo, afinal tudo é possível na fantasia, inclusive um encontro com o outro. Desse despertar na adolescência das pulsões sexuais se exerce assim função de Real, podendo dizer então um Real próprio da puberdade (Lacan, 1974/2003).

Disso leva Lacan a formular seu famoso dito: “não há relação sexual”, que corresponde ao fato de que para uma menina e um menino não existe a possibilidade de unificação, isto é, as relações sexuais são incompletas. Não quer dizer que não existam relações sexuais, mas que há uma impossibilidade entre duas pessoas para se fazer Um. Resta então ao sujeito fantasiar como forma de resposta diante deste enigma, da impossibilidade de uma ideia de completude metaforicamente colocada na relação sexual. Lacan (1974/2003, p. 561) alude que “o despertar desse desencontro é sempre singular para cada um” e que cabe aos adolescentes lidar com isso ao seu modo, como puderem. Entretanto, mesmo que o sujeito fantasie na possibilidade de uma relação sexual, há sempre o desencontro que escapa também ao gozo do outro, pois além de não saber a fantasia do outro e não conseguir corresponder as fantasias deste, na relação sexual também se coloca a diferença no nível de experiência gozosa. O termo gozo é utilizado generalizadamente como sinônimo de prazer, mas na obra de Lacan seu significado é bem mais abrangente, se não controverso.

2.1. Considerações sobre o Gozo

Freud emprega pela primeira vez o termo gozo em seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) por meio da palavra *Genuss* em alemão, que traduzindo teria o sentido de gozo sexual. O conceito de gozo na psicanálise é estabelecido por Lacan ao inserir um novo tipo de leitura da terminologia, tornando possível identificar a adolescência como efeito sintomático da “não relação sexual” na qual o trabalho psicanalítico consiste em apontar para os modos do sujeito fazer com o seu gozo que sobra deste Real.

Foi por meio da aproximação com o conceito de pulsão estabelecido por Freud que Lacan faz uma releitura para chegar a desenvolver sua teoria sobre os modos de gozos. Tudo começa com a descoberta de Freud sobre a existência de algo que foge da regra da economia psíquica que visava sempre o prazer. Através das observações de seus pacientes, Freud percebeu a existência de algo no sujeito que não cessava de se repetir. Esta compulsão à repetição é explicada como forma de realização por meio deste circuito, ou seja, uma satisfação inconsciente através deste trajeto repetitivo, satisfação esta que é diferente de prazer. Podemos pensar em prazer apenas a nível pulsional, pois será sentido como desprazer conscientemente, visto que se trata do conteúdo recalcado do qual o sujeito não quer saber. Observa-se isto quando o sujeito traz muitas vezes em seu discurso o sofrimento naquilo que se queixa, como se estivesse preso a um modo de comportamento e mesmo assim percebe que volta a repeti-lo.

A pulsão (*trieb*) é mais bem apresentada no texto “Os instintos e seus destinos” (1915/2010). Neste trabalho, Freud a denomina como conceito limite entre o psíquico e o somático, por estar referido a uma força interna e constante, impulsionando o organismo em direção a um objetivo que visa sempre a satisfação. A elaboração do conceito de pulsão se localiza em um momento que Freud estava desenvolvendo os conceitos básicos da psicanálise a fim de explicar os fenômenos psíquicos que não poderiam ser esclarecidos pela psicologia da consciência. Desse modo, a pulsão se enquadra como conceito que faz parte exclusivamente da lei do inconsciente.

Por estar envolto da regra do inconsciente, é possível localizar o que seriam as forças pulsionais através apenas de seus representantes, como uma ideia ou estado afetivo, apontando para o sintoma que diz deste algo que está entre o somático e o psíquico. Posteriormente Freud, em “Além do princípio do prazer” (1920/2010), reformula seu conceito para dizer que o funcionamento psíquico é gerenciado pelas forças das pulsões de vida e de morte. A pulsão de vida (*Eros*) corresponderia a uma força que nos direciona ao prolongamento da vida, como é o caso das pulsões sexuais e de autopreservação do Eu que foram propostas distintamente em seus textos anteriores. Já a pulsão de morte (*Thanatos*) tem a tarefa de reconduzir o organismo ao estado inanimado, um caráter aniquilador por querer voltar ao estado inorgânico, ausência

ou diminuição da excitação. Ou seja, enquanto uma pulsão nos leva a ação, a outra nos impele a estagnação para alcançar sua meta de ausência de estímulo do organismo. A pulsão de morte se diferencia no sentido de que sua satisfação pode não ser sentida como prazer, mas predominantemente o sentimento consciente é de tensão, constantemente exigindo uma realização impossível. Também pode ser caracterizada pelo movimento de compulsão à repetição, em buscar sempre voltar a estados anteriores para obter parte da satisfação.

Patrick Valas (2001) faz uma interpretação sobre a descoberta velada de Freud neste processo uma vez que, ao situar em seus trabalhos as duas forças antagônicas que regem o funcionamento psíquico, se tratando das pulsões, apontava mesmo que sem saber para o que seria o campo do gozo. Este trabalho seria reformulado posteriormente com Lacan, ao conceituá-lo como um tipo particular de satisfação que envolve o processo da pulsão de morte pelo seu caráter de repetição e de obtenção de prazer na dor ou em se satisfazer na insatisfação.

Com isso, Lacan retoma esta percepção de Freud da produção do sintoma como forma da pulsão se satisfazer pelo retorno do recalcado juntamente com as sensações ambíguas pelo sentimento de prazer e dor (colocado por Freud apenas como gozo sexual em que “impressões dolorosas podem ser fonte de um gozo intenso *genuss*”) (VALAS, 2001. p. 24). As análises desses conceitos freudianos levaram Lacan (1957-58) no seminário 7, “A Ética da Psicanálise”, a conceituar gozo com um outro sentido que não se esgota apenas a nível sexual. Correlacionando-o a Coisa (*das Ding*) como o campo ao qual o gozo está submetido, pontua que por isso seu encontro é inacessível, já que *das Ding* se trata da tentativa de reencontrar o objeto perdido desde sempre e para sempre.

Das Ding consiste em um momento mítico no encontro com o objeto que causaria o alívio das tensões. Freud indica que é por meio da experiência de satisfação e ação específica que leva a construção de *das Ding*. Isto porque em um momento primário, antes da constituição do sujeito, estaríamos a depender completamente do cuidado de terceiros para a nossa sobrevivência. A função desempenhada pela mãe ao atender as necessidades do infante, nomeada como ações específicas, é quem levaria a experiência de satisfação pelo alívio das tensões. O fim do sentimento de desprazer seria a hipótese do encontro com o objeto no momento da diminuição das tensões, momento este que fica registrado no psiquismo e que levará a cada um tentar reencontrar este possível objeto, movimento que consistirá no que Freud chamou de desejo (RABELAIS, 2012).

Essa concepção de *das Ding* fez Lacan prosseguir ao acrescentar um entendimento de que a função materna ocupará o lugar de *das Ding*, como se fosse *das Ding*. É ela, a mãe, quem vai ocupar o lugar de grande Outro, lugar da palavra e linguagem a quem “traduz” todos os desejos e necessidades do bebê, interpretando o choro em uma tentativa de saber se trata de fome, de dor, de sono, etc. É o que aponta Rabelais (2012, p. 39), ao escrever que “a experiência de satisfação demonstra que na relação mãe-filho, a mãe ocupa o lugar de *das Ding*. Não estamos dizendo que a mãe é *das Ding*, mas sim que ela ocupa seu lugar”.

Em uma ilusão, construção imaginária de que ela satisfaz a todas as necessidades, resultaria na Coisa, um lugar de plenitude onde nada mais faltaria (RABELAIS, 2012). Entretanto não é possível obter o objeto que é para sempre e desde sempre perdido, já que o encontro com a Coisa levaria ao anulamento do sujeito. Visto que o sujeito se constitui por meio da falta e só se deseja algo porque lhe falta, sendo assim, ser desejante é condição para tornar-se sujeito.

É diante deste paradoxo da busca incessante para reencontrar a satisfação absoluta em *das Ding*, ao passo que também implicará no encontro com algo de caráter mortífero ao sujeito enquanto tal, que Lacan buscará construir o que seriam as dimensões do gozo. Neste ponto se faz possível perceber a ligação entre gozo e Lei, em razão de que a mãe, no lugar de quem ocupa *das Ding*, se mostra como primeiro objeto a desejar. Ao surgir a Lei como interdição a partir de um terceiro, como a lei do incesto, a criança percebe que terá que desejar para além

desta mãe, pois o infante deve sair desta posição de cola com a mãe, afinal a mãe também carece de desejar objetos substitutivos para além de seu bebê. É por via da introdução da Lei colocada como a lei do incesto, apontando para a castração como significante primordial, que Lacan coloca-o como a barreira do sujeito para ter acesso a Coisa pela qual o resultado seria o gozo. Entretanto abre a possibilidade de um gozo parcial, pois o impedimento ao acesso dele pela Lei é justamente a condição que lança o sujeito falante em busca do mesmo (RABELAIS, 2012). Conforme aponta Giselle Rabelais (2012, p.40):

Vemos que para que o sujeito se constitua como tal, para que haja o advento do sujeito da linguagem, é preciso que haja a interdição e a falta. Com isso, o que também está em jogo é uma renúncia pulsional, ou seja, uma perda de gozo. O gozo é interdito ao sujeito falante. O gozo, como gozo da mãe, está excluído, barrado.

Lacan (1957-58) apresenta a concepção do gozo interdito pela linguagem ao retomar o conceito de *das Ding*, situando a forma de comunicação própria deste momento do *infans* com o Outro materno que irá atender as necessidades do mesmo por meio da palavra. Introduce assim a linguagem, ao utilizar dela para “traduzir” o desprazer manifestado no *infans*. A entrada no significante que marca o *infans* na sua constituição como sujeito, pela busca de reencontrar o objeto perdido, só será possível pela interdição do incesto, pois é a condição da mãe como objeto proibido que faz com que a palavra exista na inscrição da falta pela figura materna (VALAS, 2001). A falta prescinde uma perda de gozo, visto que é a palavra quem transporta a Lei, interditando o gozo absoluto, ao demonstrar que a mãe é barrada.

Em “A ética da psicanálise”, Lacan (1957-1958) descreve sobre o Real do gozo com relação a Coisa ao colocar o acesso a este gozo como equivalente a Coisa, pois ele é impossível e sua insistência em se satisfazer angustia o sujeito, restando ao sujeito a ficar em movimentos repetitivos, encontrando apenas modos de se satisfazer parcialmente. Além de não apreender a ideia por trás de seu gozo, pois ele está fora do significante, fora da Lei, ele é não todo significantizado. Isso se apresenta no sentido de que quem sofre não sabe dizer por que sofre, sabe sentir, pela impossibilidade da palavra dizer do todo, e por isso está para o Real, ao que o Simbólico (como as palavras) não consegue representar totalmente.

Assim o sintoma do sujeito diz de seu modo de gozo, daquilo que lhe é mais particular, que comporta a sua verdade e que ele mesmo pode desconhecer, sabendo-o apenas a posteriori e em parte, por ser interdito pela linguagem. Este encontro parcial com o gozo através de suas representações após a aquisição da linguagem pode ser interpretado como insatisfação, dor, asco, horror e ao mesmo tempo prazer, satisfação e êxtase (VALAS, 2001. p.35). Permitindo assim uma localização do gozo no que é possível apreender sobre ele mesmo, desse resto que sobra e a linguagem é capaz de dar sentido, mesmo que não completamente.

Segundo Rabelais (2012), é pela condição de perda que se abre a possibilidade de algo a resgatar. Lacan então situa o gozo sob a forma de objeto, o objeto *a*, como objeto causa de desejo. Objeto mais de gozar, o que transporta o gozo que falta e coloca sempre o sujeito em movimento de tentar recuperá-lo (RABELAIS, 2012). Dessa forma, identifica-se também a existência de um gozo vivificante como parte da constituição do sujeito, um gozo necessário que é preciso para viver. Conforme Vidal (2014, p. 17) destaca:

[...] pode-se ler que, com os mesmos elementos pulsionais que habitam o corpo, o gozo conduz tanto para a vida como para a morte; tudo dependerá do uso que o sujeito faça deles quando confrontado a esse limite. Com essa margem tênue, vemos que é possível oscilar entre um supereu devastador e mortificante e experiências de gozo muito vivificantes: Eros e Tanatos se movem numa dança onde a supremacia de um ou de outro dependerá da operação analítica e da decisão do sujeito.

Dessa maneira Lacan discute sobre o gozo em torno da perspectiva do Real ao apresentar os diferentes modos de gozo, que consistem no gozo fálico e gozo do Outro. Giselle Rabelais (2012) retrata o gozo fálico inicialmente por meio da ideia de *das Ding*, no que descreve sobre a renúncia do gozo da Coisa ao aceitar que seu acesso todo não é possível, já que o acesso a Coisa é barrado pelo significante. O gozo fálico ou gozo sexual é o gozo como efeito da castração. A metáfora da interdição do incesto é a condição que torna possível surgir a palavra, ou seja, a significação fálica como a Lei, que interdita o sujeito marcando uma falta e coloca limites, sendo justamente esta condição que torna possível o acesso para o sujeito a este gozo. Nesse sentido o gozo fálico é um gozo limitado e fora do corpo por estar referido ao significante, marcado pela linguagem, tornando possível seu acesso ao sujeito através da palavra.

O gozo Outro é anterior à significação fálica, o que lhe concebe as particularidades do que se diz do gozo para além do falo, um gozo suplementar, do excesso (VALAS, 2001). Por não estar na lógica fálica, de uma barreira representada pela castração, se mostra desmedido e ilimitado, fugindo da ideia de universalidade. Portanto também é não-universal, pois não se atribui a ele a Lei de que todos estão submetidos à castração, estando assim também fora da linguagem, pela não submissão do significante fálico (RABELAIS, 2012). Entretanto, não equivale dizer que este gozo se mostra como o sujeito não faltante, pelo contrário, ele representa a dialética do não-todo, da impossibilidade de obtê-lo por completo, mas que exige sempre um a mais.

Lacan (1972-1973/ 2008) no seminário 20 “Mais, ainda”, continua a elaboração sobre as modalidades do gozo ao reintroduzir o gozo Outro do lado do feminino e o gozo fálico do lado masculino nas fórmulas da sexuação. Percebe-se que essas duas modalidades de gozo são opostas e com isso afirma o axioma de Lacan do “não existe relação sexual”, pois se um está submetido ao significante e outro fora do significante, esta ideia de encontro com o outro, de completude, jamais será possível por um desencontro na forma de gozar entre dois sujeitos.

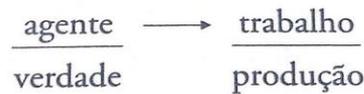
2.2. Imperativo de Gozo contemporâneo

Em “o avesso da psicanálise”, Lacan (1969-1970/1992) utiliza de matemas por meio da lógica algébrica para organizar os quatro modos de discurso. Os discursos são apresentados por meio de elementos, lugares e funções, a fim de localizar o modo de gozo do sujeito em seu universo discursivo que diz de seu modo de estruturação e formas de laço social. Castro (2009) organiza as diferenciações entre os 4 discursos: psicanalítico, do mestre, histérico e universitário de uma forma sistematizada. O autor busca salientar os quatro elementos dos discursos (a, \$, S1 e S2) para apontar a diferenciação em suas posições e em que isto representa sobre o sintoma, modo de gozo do sujeito. Conforme Castro (2009, p. 249) elucidada:

Na escrita desses discursos, Lacan lança mão de quatro letras (a : o objeto *a*, mais-gozar, condensador de gozo e causa-do-desejo; \$: o sujeito barrado pelo significante; S1 : o significante-mestre, o sê-lo, o significante pelo qual os outros significantes são ordenados; S2 : o saber constituído enquanto cadeia significante) distribuídas em quatro lugares, divididos dois a dois ao modo de quadrantes e separados por duas barras — a barra (/) aqui cumpre a função de ser o sinal que estabelece a resistência à significação, ou seja, a operação do recalamento.

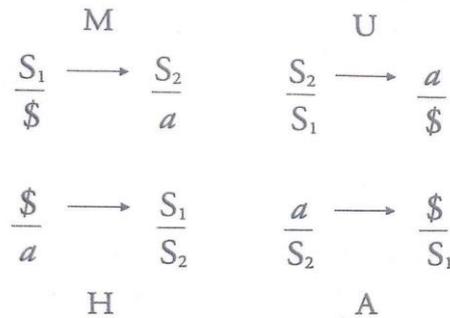
Além da estrutura elementar conforme apresentado, Lacan também os coloca em um esquema na lógica quadripartido, em que a posição dos elementos em diferentes lugares é que muda todo o sentido do discurso e posição do sujeito. De acordo com o esquema elaborado por Lacan (1969-1970/ 1992), segue as imagens ilustrativas do seminário 17, ao expor os quatro lugares e os quatro modos de discurso:

Figura 1 - Os quatro lugares



Fonte: O seminário 17: o avesso da psicanálise.²

Figura 2 - Os quatro discursos: Mestre, Universitário, Histórico e Analista (psicanalítico).



Fonte: O seminário 17: o avesso da psicanálise.³

O quarto de giro é o que torna possível localizar a mudança no discurso, seja ele por progressão, no sentido horário, ou regressão, no sentido anti-horário. Lacan também utiliza das setas (\rightarrow) para conduzir o sentido da cadeia significante, a direção da mensagem do discurso que parte do lugar de agente para o lugar do trabalho ou Outro (CASTRO, 2009). Conforme Lima (2013) situa, a ação é exercida pelo agente do discurso sobre a quem se dirige a palavra, este é o lugar dominante em que cada discurso se apresenta em sua diferenciação dos elementos no lugar de agente. O Outro é o dominado deste discurso, exprimindo uma relação de poder a quem ou o que compõe esta posição. E como efeito dessa relação algo se produz logo referente ao elemento no lugar da produção. A posição da verdade diz da verdade sustentada neste discurso (LIMA, 2013).

A partir do discurso do mestre que se faz a diferenciação entre os demais discursos, pois representa a função alienadora da posição do agente, o significante mestre a qual todos estão assujeitados. Lima (2013) o classifica como o discurso por excelência da dominação onde o lugar de dominante é a lei encarnada pelo mestre e o sujeito barrado, que está na posição da verdade, é o dominado. Na posição de trabalho que equivale ao gozo, está **S2**, o saber, e **a** no lugar de produção e mais-gozar.

No discurso histórico a direção é de **\$** para **S1**, uma progressão do discurso do mestre. Tal discurso é representado pela cena psicanalítica aonde o analisando chega em análise se mostrando dividido, expressando sua divisão por meio do sintoma, falando de si endereçado à figura do analista. Nesta operação o analista é colocado no lugar de sujeito suposto saber, para vir a destituí-lo desta posição posteriormente. Vale salientar que apesar da nomenclatura de discurso histórico, não reduz a estrutura psíquica de quem o reproduz. Visto que a histeria pode funcionar num discurso do analista, do universitário, dentre os demais. Além de que também ocorra a mudança de discurso, que não altera a estrutura psíquica, mas muda seu efeito sobre o sujeito.

Castro (2009) aponta o discurso universitário, em que o agente está no lugar de saber, **S2** em direção a **a** como objeto de gozo, se tratando de uma regressão do discurso do mestre. O

² LACAN, J. *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise, 1969-1970*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, pag. 179.

³ LACAN, J. *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise, 1969-1970*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, pag. 72.

saber neste discurso é quem ocupa o lugar dominante e o produto dele, ou perda, é o sujeito dividido, alienado por este saber. Já o discurso psicanalítico é o avesso do discurso do mestre, pois o analista faz semblante (lugar de agente) do objeto a (\mathbf{a}) como causa do desejo, na direção de dominante sobre dominador. O analista se dirige ao outro para que ele produza um novo significante (LIMA, 2013). O saber como $\mathbf{S2}$ está no lugar da verdade, porém se trata de um saber diferente do saber universitário, é o saber inconsciente que acaba assim por fazer a colocar em jogo a não-verdade do discurso do mestre, pois revela que o saber é furado, destituindo-o também aos que estão no discurso universitário que toma o mestre como detentor do saber. Ato que bem se faz no discurso histórico ao questionar esse saber no Outro, por isso é exatamente o discurso oposto ao do universitário.

Na conferência de Milão em 1972 Lacan introduziu um outro discurso, denominado de discurso capitalista. O discurso capitalista é uma derivação do discurso do mestre, por uma torção do lado esquerdo em que $\mathbf{S1}$ e $\$$ são trocados de lugar. $\mathbf{S1}$ troca de posição do lugar de semblante para o lugar de verdade e $\$$ do lugar da verdade para lugar de semblante (CASTRO, 2009). No discurso do capitalista o sujeito barrado se dirige ao saber $\mathbf{S2}$ que representa o saber de consumo que se extrai um gozo, evidenciado nas ofertas de mercado daquilo que poderia vir a completar o sujeito, o objeto a . O discurso capitalista funciona como um imperativo superegóico que lança o desejo antes mesmo do sujeito vir a desejar, sempre exigindo do sujeito novas formas de gozar. Desse modo, o discurso capitalista, como coloca Lacan ao chamá-lo de discurso do mestre moderno, produz novas formas de gozar na atualidade como uma nova forma de fazer laço social (LIMA, 2013).

Figura 3 - Discurso capitalista.

$$\begin{array}{ccc} \$ & \rightarrow & \mathbf{S2} \\ \hline \mathbf{S1} & \leftarrow & a \end{array}$$

Fonte: Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos.⁴

Essa nova forma de laço social por meio do discurso capitalista oferta um modo de gozo generalista. Enquanto os quatro discursos demonstram que todo discurso aponta para uma perda de gozo, o discurso capitalista impõe um mais-gozar insaciável. Os sujeitos no mundo contemporâneo são bombardeados por "possibilidades" de serem felizes e completos, num meio do imediatismo e da comunicação avassaladora que toma o sujeito em imperativos jamais alcançáveis. Nos enunciados da mídia em: "seja rico, seja famoso, seja autêntico, seja bonito e sarado, tenha o carro do ano, tenha uma carreira até os 30 anos...". A busca por atender a tais requisitos do discurso capitalista demonstra um gozo na forma de imperativo: goze!

A nova cultura ordenada pelos meios de comunicação faz dos indivíduos reféns e atuantes de um tempo de urgência, imediato e efêmero que os conduz a seguir modelos de identidades cada vez mais plurais e inconstantes. A obtenção de tais supostos produtos comercializados adquire um caráter fetichista em que a busca real não é a utilização deste produto, mas o que ele pode dar além da sua funcionalidade, ou seja, o prazer em se sentir pleno, completo, tamponando a sua falta, condição para constituição do sujeito em termos psicanalíticos (LIMA, 2013). A construção de identidades por meio do consumo leva a classificação dos indivíduos a partir daquilo que eles possuem, visto que em uma sociedade do

⁴ CASTRO, J. E. Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 250, Dez. 2009

espetáculo se faz necessário ver e ser visto. É necessário ainda demonstrar aos outros o que se tem e almejar dos outros aquilo que não tem.

O gozo nesse novo contexto marcado pelo discurso capitalista age como um imperativo sem sujeito, voltado ao lado do objeto. Objetos esses presentes na oferta de mercado, como por exemplo nos lançamentos incessantes de produtos, na busca de adquirir posições sociais elevadas e/ou de alcançar padrões de beleza, dentre outras exigências de consumo que também dizem que não basta gozar, tem que mostrar que se goza. A sociedade pós-moderna que demonstra este cenário de exibição é o objeto para elaboração da teoria contemporânea nomeada de “A sociedade do espetáculo”, desenvolvida pelo filósofo francês Guy Debord.

Debord (1997) fala de uma sociedade ligada à questão da imagem. O avanço da tecnologia alcança mais espaços para a propagação de informações e meios de comunicação que passam a exercer um controle ideológico sobre os indivíduos. A dominação midiática, como Debord coloca, exerce função de ideologia pelas imagens as quais os indivíduos são influenciados na forma de pensar e de como consumir através dos recursos audiovisuais. As imagens passam a imperar como um modo de obter lucro e controle ideológico entre os indivíduos.

A primeira publicação do livro “A sociedade do espetáculo” de Debord em 1967 não incluía as possibilidades de o espectador, neste cenário da imagem, interagir com os recursos que dispomos na contemporaneidade na utilização da internet. Vê-se pessoas se utilizando das redes sociais como uma forma de obter informação, consumir, de se fazer visto e de interagir, se colocando até como objeto a ser consumido neste mercado da imagem presentificado nas redes sociais. Debord já apontava para o império da imagem estar entre a ficção e a realidade, em que os indivíduos podem acabar substituindo sua vida real por uma fantasia que é representada pela mídia.

Os blogueiros, *instagrammers*, *digital influencers* e tantas outras nomenclaturas que mudam constantemente, quase que na mesma velocidade em que surgem, desaparecem; são a representação personificada de uma imagem a ser seguida na sociedade do espetáculo. Representam também o ideal no discurso capitalista, vendendo formas de consumir através da exibição de suas vidas particulares de como vivem, se vestem, se relacionam, comem, gozam, etc. Lima (2013) considera que a sociedade do espetáculo implica uma modalidade de gozo ligada à pulsão escópica, concepção criada por Lacan (1993) ao retomar o conceito freudiano de pulsão, equivalendo esse tipo de pulsão por via do olhar como objeto *a* no lugar do Outro. Isso justificaria o fascínio pela imagem, o olhar como encobrimento da falta na busca daquilo que não se pode ver.

As pulsões não são responsáveis diretamente sobre a formação da estrutura clínica dos indivíduos, porém são elas que designam a posição do sujeito com relação às modalidades de gozo. Desse modo, se percebe uma mudança na forma de agir dos sujeitos diante do período da pós-modernidade, não mais buscando o seu desejo pois para desejar é preciso renunciar a uma parcela de seu gozo, é preciso assumir a falta. E eles estão alienados nas demandas do Outro, em uma sociedade que impele a sempre gozar cada vez mais e que dita desejos prontos nas ofertas da aproximação com o objeto *a*, numa forma de demonstrar que o gozo é mais importante que o desejo. Isso implicaria em consequências na forma de subjetividade desses e como respondem com os seus sintomas.

Estes sujeitos se mantêm consumindo ininterruptamente influenciados pelo ideal da mídia que diz a eles o modelo a ser seguido. Além de padrões de estilo de vida, a modernidade e o capitalismo alteram a percepção de como enxergam o mundo e se relacionam. Tudo passa a ser descartável, havendo a possibilidade de um novo modelo a ser lançado, em que é mais importante a forma como são vistos, aquilo que parecem ser, do que quem realmente são. Ou seja, aquilo que eu mostro que tenho é mais importante do que quem eu sou. A busca pela admiração e aceitação do Outro faz do recurso dos *likes* a possibilidade das palmas e admiração

deste espetáculo por meio do virtual. O público é quem valida quem o sujeito é. Este fenômeno leva a questionar a construção de identidades num meio cada vez mais instável que parece desnortear o sujeito diante das identidades múltiplas, mesmo que em modelos padronizados pelo discurso social sustentado pelo mercado (LIMA, 2013).

Macedo (2013) aborda várias questões em torno do imperativo do gozo na sociedade de consumo, título do seu trabalho, se destacando sua observação em torno da fluidez, ou liquidez como Bauman utiliza, para falar da necessidade dos sujeitos em se mostrarem também fluidos nas suas identidades diante de um cenário atual que tem como principal característica as constantes mudanças. Em consideração a tantas incertezas e modificações, a formação do Eu na atualidade se mostra em um grande conflito diante das imposições do mercado, ao qual o sujeito escolhe os produtos que prometem atender a suas angústias numa tentativa de resposta na construção do seu Eu.

2.3.A construção de identidades diante do declínio da função paterna

Ao longo de seu desenvolvimento, o que se espera é que o sujeito adolescente busque modelos que sirvam como norteadores para construção de sua identidade. Entretanto, os novos tempos colocam esses sujeitos diante de um vazio, com a destituição do grande Outro, pois este não mais existe, cabendo a eles inventarem novas formas de subjetivação na construção de suas identidades. Lacan (1960/1998) assinala o campo do Outro como tesouro dos significantes, o suposto saber se encontrava neste Outro, a alteridade que lhe proporciona normas. Lacan também coloca o Outro como um dos campos do inconsciente e o sujeito sendo efeito desse Outro, já que nele está o significante que o representa para outro significante.

O Outro ocupava uma posição que pode ser exemplificada como a alteridade que o Estado, a Igreja, a figura de Deus, os pais, professores, o presidente, tinham como imagem de respeito, ordem e ideologia a ser seguida. O Outro estava ligado a um ideal cultural. Stevens (2004) considera a inconsistência do Outro como efeito do desenvolvimento da ciência e da cultura na sociedade contemporânea, não mais oferecendo um referencial simbólico como nas sociedades tradicionais, sendo o discurso do capitalismo o que rege os dias atuais, colocando o objeto *a* no lugar do Outro. Além de que, a pluralização dos Outros como ideais passageiros não se configura enquanto uma posição de alteridade, a exemplo dos influenciadores, deixando de assegurar um saber estável para as identificações de seus seguidores.

A passagem da infância para a fase adulta se configura de modos diferentes diante da falta de referenciais simbólicos na sociedade atual, exibindo um novo modo de laço social. Os adolescentes que se encontram justamente nesta fase de transição se deparam com a inconsistência do Outro. Nesse sentido, Lacan (1974/2003) aponta como marcador da puberdade o encontro traumático da *não relação sexual*. Isto é, ao perceber diante do encontro com o outro no sexo, que faz furo no Real, falta um saber sobre o sexual. Fazendo uma leitura sobre os moldes das relações sociais dos jovens hoje em dia, a inconsistência do Outro é verificada constantemente no nível acelerado da chegada de informação a esses, pelo meio digital, que ocorre de forma desordenada e ilimitada. A falta de saber não se configura apenas a nível sexual ao despertar das pulsões sobre o corpo do púbere, mas também a questão que se coloca a esses em como se posicionar enquanto sujeito desejante diante da falta de um saber, acrescentado a uma nova configuração social, do imperativo superegóico que dita formas de desejar.

O declínio da função paterna é apresentado por Lacan como efeito da mudança na sociedade, ao mais tomar a imago do pai como representante da lei e da ordem, que orientavam de certa forma os sujeitos no processo de subjetivação. No caso dos adolescentes, aqui colocados em questão, há que se ancorar nesta representação algum saber sobre suas questões em torno da puberdade. Disso leva Lacan a indicar sobre os efeitos psicológicos que esta

mudança na representação da lei, na falta de autoridade da imago paterna, pudesse vir a recair sobre os indivíduos em forma de adoecimento psíquico, ao passo que discute: “um grande número de efeitos psicológicos parece-nos decorrer de um declínio social da imago paterna. Um declínio condicionado por se voltarem contra o indivíduo alguns efeitos extremos do progresso social” (LACAN, 1938/2003, p. 66-67).

Desde Freud é possível perceber uma importância sobre o ordenamento do funcionamento psíquico por meio da figura do pai como representação simbólica da lei. Em sua teoria do complexo de Édipo é a entrada do pai na relação da mãe com o bebê que marca uma ruptura, por meio da interdição da lei como castração que funda o sujeito enquanto tal. A figura paterna encarnada na teoria freudiana tem lugar de regulador de gozo, é ele quem interdita o sujeito e instaura o desejo ao dizer que não se pode gozar de tudo, que há uma norma a ser seguida.

A leitura de Lacan sobre o mito edípiano nos fornece que o pai age como um nome, sendo o momento de entrada do nome através do discurso da mãe que funda a castração para o sujeito. A imago paterna é então uma função de transmissão simbólica que se identifica a ele à figura da lei, de alteridade. O Nome-do-Pai opera como significante mestre (S1), uma vez que funda o inconsciente, instaura a linguagem e introduz o sujeito na cultura.

Forbes (2012) utiliza do termo homem desbussolado ao retratar o declínio da função paterna na contemporaneidade, em que o sujeito desnorteado seria o efeito desta mudança de eixo das identidades. A transformação do laço social pela queda do ideal paterno lança o sujeito a tomar uma escolha de identificação que não mais tem o pai patriarca como ideal. Diante disso, o que se vê hoje é a proliferação dos nomes do pai em uma tentativa de o sujeito achar uma saída, ao construir uma lei do pai que barre o gozo, já que o sujeito está sem o suporte da função paterna enquanto lei universal.

A psicanálise freudiana surge em um contexto em que a sociedade tinha um pai-orientador. O Outro social possuía um ideal maior que o gozo ($I > a$), impedia uma parcela do gozo por meio dos seus referenciais. Entretanto, de acordo com Miller e Laurent (2005), o matema da modernidade opera inversamente ($I < a$), o ideal perdeu seu valor, e com isso coloca o sujeito a ficar sobre um gozo e pulsão não mais regulada. O homem desbussolado é resultado da sua angústia por falta de referência, em que só lhe resta inventar novas formas de lidar com a falta deste Outro (FORBES, 2012).

Como uma forma de tentar restituir um lugar ao Outro os adolescentes se alienam ao desejo desses, tentando alcançar este impossível que é a ordem superegóica de um gozo irrealizável, na busca por atender as demandas de consumo sociocultural. Uma outra forma de lidar com este Outro é indo contra todas as suas exigências, na forma de transgressão, que pode ser observada nos sintomas de depressão, fracasso escolar, violência, toxicomania, bulimia, automutilação, suicídio e tantos outros comportamentos de *acting out* e passagem ao ato, demonstrando que de uma forma ou de outra “O lugar do Outro permanece sendo sempre o lugar para onde o sujeito dirige suas questões” (OLIVEIRA; HANK, 2017, p.303).

2.4.Os desafios virtuais como demonstração da clínica do ato com adolescentes

No seminário sobre a Angústia, Lacan (1962-1963/2005) faz uma diferenciação sobre *acting out* e passagem ao ato apresentando uma reflexão sobre o que seriam esses “novos sintomas” que, diferentemente do tempo de Freud, são sintomas que não “pedem nada” ao Outro. O sintoma freudiano como é conhecido diz em ser por si só gozo encoberto, já esses “novos sintomas” que se mostram entre os adolescentes partem por uma outra ordem, seriam uma forma de resposta ao discurso que impele a um gozo, ele é pura fixação de gozo.

Logo se veem modos diferentes de reações do sujeito diante de seu mal-estar. É por meio dessa lógica que aparece a reação como ato na impossibilidade de se articular com o Outro.

Segundo Lacadée (2012) a queda do nome-do-pai implica na inconsistência do Outro e modifica as respostas sintomáticas, pois se antes o sintoma demonstrava um arranjo entre o significante e o corpo, hoje o que vemos é a impossibilidade de utilizar o significante que faça junção ao campo do Outro. O ato, assim, é um modo de saída da relação com o Outro.

O Ato entra então como forma de substituir a palavra. Com isso, percebe-se que cada vez mais tem se visto jovens apresentarem tipos de comportamentos que vão desde a autopunição, até um endereçamento ao outro. A adolescência enquanto sintoma da puberdade, sintoma-resposta do despertar para o Real, faz com que a clínica com adolescentes se mostre uma clínica do Real, do impossível de dizer e por isso advém o ato como resposta.

O *acting out* é um excelente certificador de que se trata de uma clínica do Real. Ele demonstra em cena algo a ser dito, “tem sempre a função de marcar um ‘isso não é tudo’: resta algo por dizer” (LUSTOZA et. al, 2014, p.207). É uma encenação, por estar endereçado ao Outro, pedindo interpretação deste. Cena no sentido de exibição de gozo e também por se fazer sempre em um ato, pois se o mesmo for expresso em palavras diz de uma forma velada que necessitaria da leitura do não dito para ser visto (LUSTOZA et. al, 2014).

Na medida em que os adolescentes vão se desligando da figura dos pais, eles necessitam de algum norteador de autoridade, o grande Outro, que não mais se encontra na contemporaneidade. Assim, o *acting out* seria uma das tentativas de se inscrever, na impossibilidade de articulação da língua com o Outro, por meio do olhar. A cena posta pelo *acting out* se presentifica quando o sujeito se coloca a atuar sob o olhar do Outro. Sua forma de dizer de seu sofrimento demanda a presença do espectador. Já na passagem ao ato não há espectador, não se pede interpretação ao Outro, o que se tem é uma total separação com este Outro. O sujeito na passagem ao ato se evade da cena (LACADÉE, 2012).

A passagem ao ato, segundo Lacan (1962-1963/2005), é o momento em que o sujeito se coloca no lugar de objeto, o resto, se identificando com a sobra que cai da cena, saindo dela. Devido a uma fragilidade no recurso simbólico pelo declínio do nome-do-pai, as fantasias do sujeito adolescente se mostram tênues, levando-o, em um momento de crise, a escolher pular fora da cadeia significante, rompendo assim totalmente sua relação com o Outro. É o caso dos atos suicidas, ato mais bem sucedido como Lacan colocou, pois não há mais nada a ser dito ou feito após.

Por um lado, o *acting out* aparece no momento em que o adolescente precisa ser visto, na inviabilidade de usar as palavras, utilizando do ato como direcionamento a dar lugar ao Outro em sua cena, demandando dele alguma interpretação. Um exemplo disto são os transtornos alimentares, toxicomania e atos de violência, inclusive contra si mesmo, como é o caso da automutilação. No outro lado, a passagem ao ato não demanda nada ao Outro, não há nenhum espectador como os pais, a família, os amigos, etc. A ruptura aparece no momento em que o sujeito não encontra mais suporte simbólico para se sustentar e por isso se lança fora da cena (LACADÉE, 2012).

Desse modo, leva a pensar as diversas formas que o adolescente tem encontrado, como tentativa de inscrever esta inconsistência do Outro e de se fazer um nome de gozo por meio da busca de grupos identificatórios. A internet é um meio no qual o jovem se utiliza para isto, na possibilidade para alguns de se inserir em grupos que permitem a “demonstração” de seu modo de gozo. A problemática gira em torno de se utilizar como um espaço de *acting out*, ou em alguns casos, que levam a passagem ao ato, como é o que ocorrem nos desafios virtuais que cada vez mais surgem entre os grupos de redes sociais tendo como público-alvo os adolescentes.

O sujeito adolescente em uma sociedade do espetáculo, pela dominação das imagens, demanda também nas redes sociais o olhar do outro e sua aprovação por meios dos *likes* e visualizações, em que se consta uma nova forma de gozar. Por outro lado, há aqueles que rejeitam a ditadura da felicidade que é tão vendida numa sociedade de *instagrammers* e utilizam do mesmo meio como um modo de expor sua desarticulação com os ideais vendidos. Esses

podem utilizar das redes sociais como forma de expressar seu sofrimento psíquico, estando do lado oposto do imperativo da felicidade. Entretanto também se faz submetido às mesmas regras de exibição que tem como foco a convocar o olhar do outro e assim o sofrimento passa também a ser curtido, a receber *likes* e seguidores (KALLAS, 2016).

A internet passa a fazer parte do processo de subjetivação dos adolescentes e diria que não só dos adolescentes, pois ela está inserida na vida de todos os sujeitos contemporâneos, modificando as formas de se relacionar com o outro e modificando todo um estilo de vida. O meio virtual de comunicação possibilita a ideia de um gozo ilimitado, pois tudo é possível na internet e não há limites. É possível se comunicar com quem está a quilômetros de distância, é possível mobilizar um grande número de pessoas em questões de segundo, é possível ter acesso a notícias que não se esgotam e é possível dar voz a quem não tinha espaço para se fazer ouvido ou visto.

É diante deste imperativo do gozo que não mais se encontra uma barra, passando a ser um gozo mortificante no lugar de vivificante por estar sempre na ordem do gozar a mais, sempre mais, que já não lhe garante apenas experiências de prazer, mas também de puro desprazer. Visto que prazer é diferente de satisfação, pois esta parcela de gozo garante algo ao sujeito que o faz ficar muitas vezes preso nesta repetição gozosa, temos uma demonstração da sua pulsão de morte. A internet abre espaço também para a expressão de seu gozo, o anonimato em perfil *fake* ou grupos fechados dá a segurança para uns de poderem se colocarem da forma como desejarem, sem que haja uma responsabilização por isso.

As reações que muitos encontram como resposta diante de um excesso pulsional é em se fazer “buracos” no próprio corpo, como uma forma de esvaziamento. Já que o social era o que ocupava o lugar como regulador das pulsões, com as normas e regras tradicionais, hoje é o social quem ordena um excesso, quem diz ao sujeito, pelo discurso capitalista, que há sempre um a mais a consumir, que oferta as inesgotáveis receitas para se ter uma vida feliz. Os desafios virtuais demonstram disso, de uma exibição de gozo do excesso na forma de *acting out*, como nas automutilações ou a incidência da passagem ao ato, em casos que chegam à tentativa de suicídio, podendo até serem exibidas online.

A baleia azul⁵, que surgiu em 2017, configurava um tipo de jogo virtual em um grupo privado em redes sociais voltado para adolescentes, com o estabelecimento de regras para assegurar o sigilo do jogo aos participantes. O jogo consistia numa série de “fases” em 50 desafios a serem cumpridos diariamente pelos jogadores adolescentes. Esses desafios tinham que ser filmados, para terem validados os seus atos, como por exemplo a exposição de cortes no próprio corpo, chegando ao estágio final do jogo, que era a morte.

A baleia Azul, ou o jogo suicida como ficou conhecido, coloca em evidência a busca dos adolescentes em falar, ou demonstrar, do seu mal-estar. A descoberta dos pais, educadores, e das autoridades nos diferentes países em que se sucederam casos de jovens envolvidos com o jogo a baleia azul não foi o suficiente para que se esgotasse o surgimento dos desafios virtuais. Isto mostra que não se trata apenas da orientação sobre os riscos que esses desafios podem causar à vida dos próprios jovens, pois disso eles tem total conhecimento. O que está em jogo é de fato flertar com a morte e a busca pelo olhar do outro, seja ele seus semelhantes, os demais participantes, ou do grande Outro, como os pais ou responsáveis.

Em 2018 surgiu um novo desafio virtual, a boneca Momo⁶, voltado também para crianças, que se assemelha muito ao da baleia azul por seu formato de desafios em exibições

⁵ LOURINHO, J. C. 'Baleia Azul': Estes são os 50 desafios que estão a preocupar pais de todo o mundo. O Jornal Econômico, 26 Abr. 2017. Disponível em <<https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/baleia-azul-estes-sao-os-50-desafios-que-estao-a-preocupar-pais-de-todo-o-mundo-151224>> Acesso em 15 Março 2021.

⁶ TUCHLINSKI, C. 'Desafio Momo' pode causar danos psíquicos para crianças; saiba como lidar com os filhos. O Estado de S. Paulo, 19 Mar 2019. Disponível em

que envolvem o risco contra a própria vida. A boneca Momo é na verdade uma escultura japonesa, exibida em Tóquio no ano de 2016, em que no desafio se utiliza da imagem da escultura, em foto que aparece em vídeos do *YouTube*, voltado a conteúdos infantis. O vídeo da boneca Momo convocando a realização de desafios foi disseminado também entre grupos de *WhatsApp*, em que um perfil com a foto da boneca enviava mensagens de ameaças e imagens e vídeos que incitavam a violência, além da exigência do cumprimento de desafios em que era necessário a criança ou o adolescente se colocar em situações de risco.

Consecutivamente aparecem notícias sobre as “brincadeiras” que envolvem os jovens em se colocarem em situações de perigo. A exemplo, no início do ano de 2020 surgiu um novo desafio chamado de “rasteira” ou “quebra crânio”⁷. Considerado inicialmente como uma brincadeira que viralizou nas redes sociais, mas que tinha um caráter perverso por trás, pois seu intuito era machucar um participante que, não tendo conhecimento sobre os riscos do jogo, poderia bater a cabeça brutalmente no chão. Algumas pessoas que foram alvo desse jogo tiveram lesões graves e irreversíveis, como lesões na coluna e traumatismo craniano, podendo também a depender da intensidade da lesão o jogo resultar em óbito.

A lógica de um gozo mortificante mostra a sua relação com a pulsão de morte, pois se trata de uma força que impulsiona o indivíduo a agir e muitas vezes pode estar em desacordo com as normas que regem o comportamento social do sujeito. Os desafios virtuais e todas as atitudes em que pode ser observado o direcionamento das pessoas a algo mortífero ou prejudicial, demonstram em ato isto que divide o sujeito, entre a realização de um gozo que não é parcializado, que se expressa em atos e que comporta o paradoxal de uma satisfação e do desprazer.

O jogo com a morte a qual os adolescentes se lançam podem ser identificados também em situações que sucederam com a pandemia do Covid-19. A servir de exemplo, nos EUA ocorreu um tipo de desafio chamado *Covid Parties*⁸, em que estudantes da cidade de Tuscaloosa realizavam festas com pessoas contaminadas em prol de premiar o primeiro a pegar o vírus covid-19 com dinheiro arrecadado pelos demais participantes. Em uma outra situação, um influenciador que utilizou da mídia *TikTok* para realizar o desafio chamado de *Coronavirus Challenge*⁹ se apresenta em vídeo curto lambendo um vaso sanitário de um local público. O jovem realizou tal desafio sabendo do risco em se contaminar com o vírus, sobretudo pelo alto índice de contaminação na época e por ter infringido intencionalmente a medida sanitária. O *influencer* também comprovou por suas redes sociais ter testado positivo para o covid-19, dias após o cumprimento do desafio.

Esses desafios virtuais continuam a surgir não importa as medidas de controle e de prevenção sobre a utilização da internet, em que os pais tentam proteger seus filhos do domínio

<<https://emais.estado.com.br/noticias/comportamento,desafio-momo-pode-causar-danos-psiquicos-para-criancas-saiba-como-lidar-com-os-filhos,70002760545#:~:text=A%20boneca%20Momo%20%C3%A9%20uma%20escultura%20que%20tem%20olhos%20esbugalhados,sinistro%20e%20patas%20de%20p%C3%A1ssaro.&text=As%20consequ%C3%Aancias%20ps%C3%ADquicas%20para%20as,a%20valia%20%C3%A7%C3%A3o%20da%20neuropsic%C3%B3loga%20Gisele%20Calia>>. Acesso em 21 Março 2021.

⁷ ALTAMIRA, R. Quebra Crânio: uma brincadeira que pode matar. Youtube, 13 fev. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/SCKyYmA17hM>>. Acesso em 21 Março 2021.

⁸ PERNAMBUCO, D. Nos EUA, estudantes fazem festa para ver quem é o primeiro a pegar COVID-19. Instagram, 02 jul 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCJ1F8ijim/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em 17 abr. 2021.

⁹ BRASIL, V. #BoletimMatutino: Influenciador anuncia ter coronavírus após vídeo lambendo vaso sanitário. Instagram, 26 mar 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-M2XtzFXz7/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: 17 abr. 2021.

desses jogos. Além das orientações feitas pelos mesmos e pelos educadores sobre o risco de tais desafios, percebe-se que é justamente o risco que os atraem. A participação de adolescentes em desafios como esses citados demonstram não serem o problema, a causa, mas um retrato do que acontecem com os adolescentes subjetivamente. Isto é, são a exibição em ato de algum sofrimento psíquico que até então poderia não ter sido exteriorizado de outros modos. Diante de uma falta de mediação simbólica que possam falar de sua dor e conflito, os adolescentes utilizam por meio do ato como modo de intermediação entre o Real que os invade. Fazendo do exibicionismo, através da imagem de si, um ato que toma a palavra.

A utilização de perfis virtuais parece responder à questão do adolescente: “quem eu sou” sob a forma de “como o outro me vê”. A descrição nas páginas com informações sucintas que falam desses sujeitos é analisada junto com seus interesses sobre quem eles seguem e quem os seguem. A valorização sobre a quantidade de seguidores parece contribuir imaginariamente sobre a construção de suas identidades pautadas em modelos, os *influencers*, que ofertam uma possibilidade muito atrativa de referência pronta no que compõem sua identidade e em se fazer pertencente a um grupo de iguais.

Os usuários da rede se sentem pressionados a seguir um certo padrão de comportamento e estilo de vida na tentativa de se inserirem nos grupos e se sentirem aceitos, isso tem interferido nas suas criações singulares para a construção de suas identidades. Desse modo, os adolescentes também acabam por colocarem seus corpos em detrimento de qualquer identificação seja se expondo, seja nos atos com o próprio corpo, fazendo das redes sociais um lugar para afirmação subjetiva. Conforme descreve Dias et al (2019, p.7):

[...] Com a passagem para as sociedades modernas, com o enfraquecimento paulatino e crescente da tradição como elemento fundamental da cultura perde-se, gradualmente, o valor simbólico desses rituais, que assumem cada vez mais um caráter imaginário, pois o que prevalece é a reprodução da imagem transitória de uma adolescência estereotipada, em convenções sociais que oscilam conforme os modismos. Os ritos atuais não conseguem intervir como delimitadores do gozo que irrompe na puberdade, pois não há intervenção nos corpos provenientes do laço social. Nos tempos do “cada um por si”, o adolescente tem que lidar com o gozo à sua maneira, com um corpo que é só seu.

Diante da perda de um referencial paterno sobre o enfraquecimento de tradições em comparação aos da sociedade tradicional, os adolescentes não mais encontram um valor simbólico em marcadores socialmente estabelecidos que sirvam como apoio para a elaboração simbólica do Real imposto pela puberdade. Não se desconsidera a problemática em torno dos ritos de passagem em sociedades tradicionais que impõem muitas vezes a violência nos corpos dos jovens ao tomá-los como propriedade da comunidade. Entretanto esses ritos de passagem serviam também de modo a se fazer laço social ao inserir os adolescentes na comunidade. Diante das barreiras de compreensão cultural, não cabe qualificar qual modo seria mais correto, convém apenas compreender a que se serviam os ritos de passagem e como operam os ritos atuais de uma forma diferente, pois é possível também identificar atos entre os adolescentes contemporâneos que servem de assimilação simbólica em marcadores corporais, como os cortes, tatuagens, piercings e etc. (DIAS et al, 2019).

Se destaca a observação de Dias e colaboradores (2019) sobre os ritos que atuavam de certo modo como um saber aos adolescentes na passagem deste tempo tão conturbado, garantindo uma eficácia simbólica e servindo de suporte sobre o encontro com o Real, dando-lhe um nome na tentativa de significantizar isto que o Real não consegue encobrir pelas palavras. Não mais existindo estes modelos operadores, os adolescentes são deixados à deriva de seu gozo. Nesse ensejo entram os grupos dos desafios virtuais como uma das formas para se criar seu ritual de passagem. Os desafios virtuais também se mostram atrativos por possibilitarem o pertencimento a um grupo, agindo como forma de inserção social daqueles que

fogem do “padrão”, aqueles que não se encaixam nos imperativos. Essa ilusão dá possibilidade de se “encaixar por completo”, de ser o que na verdade ninguém consegue ser, que é um sujeito sem faltas. Isso angustia os jovens que estão justamente na fase de transição, deixando de serem crianças e se direcionando a fase adulta. Com isso a adolescência, como fase intermediária, necessita de um aparato, de um suporte de um ideal a ser seguido.

Os desafios virtuais dão um certo sentido ao vazio em que alguns adolescentes se encontram por disponibilizar um nome ao seu gozo, um grupo para se fazer laço social, mesmo que por meio de atos dolorosos e situações que os colocam em risco numa tentativa de conter o gozo que toma seus corpos. Lacadée (2011) retrata sobre a relação próxima que os adolescentes têm com o risco numa forma de desafiar as regras sociais, destituindo o Outro e se desprendendo da autoridade parental para afirmar sua autonomia. Nessa conjuntura, o meio virtual se transforma em um espaço também para experimentar o risco (DIAS et al., 2019).

Estando a adolescência marcada por um período de busca por processos identificatórios, a participação nos desafios virtuais age como forma de reconhecimento de seus pares pela aprovação do olhar do outro e negação dos limites em atos que se experimenta o risco. Negação essa que é baseada no próprio discurso social da contemporaneidade, o qual não deixa de ofertar promessas de se fazer completo, em que nada mais faltaria. O sujeito contemporâneo seria aquele então que nunca deixa de gozar, não havendo mais limite ao gozo, nem mesmo pelo discurso social que por via de regra deveria ser o que barra o sujeito.

A angústia também é uma expressão desse excesso de gozo sobre as inúmeras possibilidades de encontro com o objeto *a* pela lógica do mercado, camuflando na relação com os objetos a falta que nos é fundamental. Assim, acaba por tamponar a falta, pois se nada mais falta o desejo não mais existe e o sujeito cai (LACAN, 1962-1963/2005). Entende-se com Lacan que a angústia é “quando a falta falta” e o que aparece disso é uma urgência da impossibilidade de ser posta em palavras, o qual pode levar a passagem ao ato.

A leitura psicanalítica sobre a resposta dos adolescentes diante do Real própria desta fase, em um meio sociocultural que impele a um gozo excessivo e tendo como resposta a participação em desafios virtuais, permite a análise sobre a utilização destes em redes sociais a servirem de *acting out* ou de passagem ao ato na tentativa de suicídio. Nesse sentido, a psicanálise se propõe a escutar os sujeitos, a dar um lugar onde a fala possa operar e assim o desejo pode emergir. O desejo é via de regra a condição que faz furar este gozo tão mortificante em que se vê nos comportamentos dos adolescentes contemporâneos. Uma vez que dispõe de recurso para se fazer uma leitura do sujeito que vai contra os modelos vigentes na sociedade, de não falar por eles ou de não dar respostas prontas, a psicanálise pode dar lugar para que emerja o desejo em uma sociedade que tem em seu discurso a lógica de que gozar a todo custo é o mais importante. O gozo que tomou o lugar do desejo.

Para operar sobre o discurso capitalista, tem-se o recurso que dispõe por meio do discurso psicanalítico. Seguindo Castro (2009), os quatro discursos apresentados por Lacan, fornecem uma estrutura lógica a servir de condução no tratamento analítico na clínica contemporânea. Pois a produção que se faz por meio do discurso psicanalítico age como uma possibilidade de o sujeito mudar sua posição, na elaboração da sua verdade que se expressa não toda. No discurso psicanalítico o desejo está como objeto causa (*a*), em posição de agente, dirigida ao saber (**S2**) no lugar da verdade. Desse modo, ao contestar a verdade dos outros discursos, é através do discurso psicanalítico que se abre a possibilidade de o sujeito trocar a posição dos elementos, por meio do quarto de giro, e assim modificar sua posição tão gozante sobre aquilo que se queixa.

Assim, a psicanálise compreende o mal-estar de sua época sem se submeter às exigências que vão contra a sua ética. Operando na contramão das exigências do mercado, estabelecendo intervalos em um meio de muito imediatismo e que diz possuir O saber, proporcionando a ideia de cura ou adestramento dos comportamentos dos sujeitos desviantes,

aqui no caso, os adolescentes. Em vista disto, não cabe também à psicanálise fazer generalizações e afirmar que todos os adolescentes que se utilizam das redes sociais ou que porventura participaram dos desafios virtuais, sofrem necessariamente dos mesmos aspectos abordados neste trabalho.

Vale ressaltar a importância dos recursos midiáticos, do espaço que a rede social tem para os adolescentes em possibilitar construções positivas, invenções diante daquilo que lhe escapa, singularmente, que fazem laço social. Ainda assim, o que se buscou fazer aqui foi uma leitura possível de que, em alguns casos, esses comportamentos podem expressar modos de resposta diante do imperativo do gozo e tentativas de estabelecer laço social na contemporaneidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do surgimento de novos desafios virtuais com o caráter sempre voltado a uma exibição de gozo entre os adolescentes, verificou-se a hipótese da participação dos adolescentes em tais desafios como uma tentativa de mediar o gozo mortífero que os invade através do cumprimento dos desafios que compõe em atos de *acting out* e passagem ao ato.

A análise de tal fenômeno foi possível por meio da interpretação que se faz nas automutilações como forma de abertura dos cortes que realizam no próprio corpo em um modo de “esvaziamento”, ou que sirva de inscrição como marca no corpo disso que o gozo se mostra impossível de ser totalmente significantizado, isto é, colocar em palavras por meio de atos. Atos que podem se mostrar nocivos à própria vida.

Aquilo que se faz para se ferir ou se colocar em risco, obtém também uma parcela de satisfação por estar submetido à lógica do gozo e da ambiguidade que o configura, pois demonstra de algo que pode parecer desprazeroso para a consciência, mas que ao mesmo tempo possibilita uma parcela de satisfação ao inconsciente. Sendo assim, o conceito de gozo na psicanálise atribui uma compreensão sobre o que está por trás dos comportamentos entre os adolescentes na contemporaneidade.

A articulação entre tais conceitos identificou as manifestações de *acting out* ou a passagem ao ato na saída da cena significativa como demonstração da carência de um referencial simbólico para que esses sujeitos adolescentes possam mediar o encontro com o Real imposto pela puberdade. Ato que serve como uma suplência ao Outro, a este outro que possa barrar seu gozo, ou também ato de uma separação por completo com o Outro pela dificuldade em se articular com ele. Paradoxalmente se têm como efeito do declínio da função paterna a inconsistência de um lugar do Outro como ideal para demarcar um limite de gozo e um Outro virtual que se mostra em excesso, impelindo sempre a um mais-de-gozar.

Dessa forma, o artigo alcança seu objetivo no sentido de explicar e verificar o que leva a participação dos adolescentes em desafios virtuais como consequência de um imperativo de gozo na sociedade contemporânea. Hipótese que partiu do estudo de tais conceitos psicanalíticos que pudessem analisar esta mudança nas formas dos adolescentes relacionarem entre si e nas construções de suas identidades. Como também na formação de seus sintomas, configurados como “novos sintomas” pelo seu caráter em comum de se utilizar de um sintoma como resposta cada vez menos articulada com o simbólico para enfrentar o Real.

Os desafios virtuais expõem um mal-estar social e mais que isso, um comportamento sintomático como modo de gozo diante das imposições do discurso capitalista que coloca o consumo como dever, as propostas de relações direta com o objeto *a*. Sem qualquer mediação simbólica, o discurso capitalista e a dominação midiática agem como fatores que implicam numa clínica do Real com os adolescentes.

A problemática sobre o assunto não se esgota pela continuidade do surgimento de novos desafios virtuais e de outros comportamentos nefastos entre os adolescentes, que estão tentando

criar um modo de gozo próprio, diante de um contexto social que impõe modos a se gozar. Vale também ressaltar que se trata de um recorte sobre a análise do fenômeno, diante dos conceitos apresentados, e que por isso a discussão não se esgota ao tema proposto. Identifica-se assim uma importância sobre o desenvolvimento de pesquisas futuras diante de um cenário que tem se mostrado cada vez mais recorrente e que, por estar submetido às regras da modernidade, são aspectos cada vez mais mutáveis, necessitando de novas abordagens e revisões de acordo com as mudanças sociais as quais estão subjugados.

O ponto de partida deste trabalho se fez com a psicanálise de orientação lacaniana não só apenas na apresentação dos conceitos, mas principalmente na forma em como se lê a adolescência, compreendendo os sujeitos em suas individualidades sem desconsiderar que ele é efeito do meio social em que faz parte. As intervenções com base psicanalítica, aportadas em sua ética que oferece lugar ao Um, abre espaço para que estes sujeitos possam descobrir novas formas de manejar seu gozo, possibilitando reconfigurações subjetivas, como na modificação desses “novos sintomas” em sintomas de modalidades de gozo próprio. Deixando de ser escravo de seu gozo mortificante, os adolescentes podem elaborar que também há gozo vivificante e assim se direcionar ao seu desejo, substituindo por sintomas que agem de uma forma menos nociva ao sujeito.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, J. E. Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 245-258, Dec. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982009000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 Abril 2021.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIAS, V. C. et al. Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem?. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 39, e179048, 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932019000100109&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Abril 2021.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905. In: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. *Obras Completas volume 6*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- _____. Os instintos e seus destinos, 1915. In: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos. *Obras Completas volume 12*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Além do princípio do prazer, 1920. In: História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos. *Obras Completas volume 14*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FORBES, J. *Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI*/ Jorge Forbes. - Barueri, SP: Manole, 2012.
- KALLAS, M. B. L. M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952016000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 abril 2021.
- LIMA, N. L.. As incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 461-498, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 Abril 2021.
- LACADÉE, P. *O despertar e o exílio*. Ensinaamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.
- _____. A clínica da língua e do ato nos adolescentes. *Responsabilidades*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 253-268, set. 2011/fev. 2012. Disponível em <http://www8.tjmg.jus.br/presidencia/programanovosrumos/pai_pj/revista/edicao02/7.pdf>. Acesso em 9 maio 2021.
- LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano, 1960. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. In: MILLER, Jaques-Alain (Ed.). *O seminário 11 de Jacques Lacan*: 1964 (M. D. Magno, Trad., pp. 69-118, 177-189). Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. *O seminário livro 10: A angústia, 1962-1963*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise, 1969-1970*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992

_____. Prefácio a *O despertar da primavera, 1974*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. Os complexos familiares na formação do indivíduo, 1938. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. *O Seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise, 1957-1958*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. *Seminário, livro 20: mais, ainda, 1972-1973*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ÚLTIMO NOME, Primeiro nome do autor do artigo. Título do artigo. Título da Revista, local de publicação, volume do exemplar, número do exemplar, p. (página inicial e final do artigo), mês, ano de publicação

LUSTOZA, R. Z. et al. “Novos Sintomas” e Declínio da Função Paterna: um exame crítico da questão. *Ágora*, Rio de Janeiro. v. XVII n. 2 jul/dez 2014. 201-213. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/agora/v17n2/03.pdf>>. Acesso em 21 Março 2021

MACEDO, F. T. *O imperativo do gozo na sociedade de consumo*. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4557>>. Acesso em 18 Abril 2021.

MILLER, J. A. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

OLIVEIRA, H. M.; HANKE, B. C. Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 295-310, Aug. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982017000200295&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 Maio 2021.

RABELAIS, G. W. *A devastação da relação mãe e filha como efeito do gozo feminino*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 86. 2012. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=29070@1>>. Acesso em 20 Março 2021.

STEVENS, A. Adolescência como sintoma da puberdade. *Clínica do contemporâneo*. *Curinga*, Belo Horizonte: EBP-MG, n.20, p.27-39, 2004.

WEDEKIND, F. *O despertar da primavera*. Lisboa: Estampa; Seara Nova, 1973.

VALAS, P. *As Dimensões do Gozo: do mito das pulsões à deriva do gozo*. Tradução, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

VIDAL, J. Prefácio Viver, Amar, Gozar. In: GUIMARÃES, Lêda. *Gozos da mulher*. KBR Editora Digital Ltda, 2014. p.7-22. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/n81v5cn>>. Acesso em 17 de Maio de 2021.

AGRADECIMENTOS

À meu pai, João Neto, por me apoiar em qualquer decisão que pudesse tomar e por passar para mim a importância de nunca desistir;

À minha mãe, Cláudia Cabral, que é capaz de escutar meu silêncio como ninguém, lendo em mim qualquer anseio, dor e alegria, mesmo que eu não fale;

Às minhas irmãs, Thais Cabral, a quem inviabiliza para mim saber o que é estar só no mundo; e Brenda Renny, por sempre acolher minha dor e me emprestar seus ouvidos;

À minha analista, Renally Xavier, que me ajudou a encarar meu desejo e medo com a psicanálise;

Aos meus professores da graduação, em especial a meu orientador Edivan Gonçalves, que me concederam um poder de transmissão fundamental para meu percurso durante o período final da graduação;

Aos meus amigos queridos, Críscia Delancout, Laura Brasil, Gean Brasil e Jairo Lucena, que tornaram possível que a cidade de Campina Grande pudesse ser também a minha casa;

E a Lucas Lucena, que já não cabe mais atribuí-lo a palavra amigo, pela grande importância que passou a ter em minha vida.